



SANTOS, Altierrez S.; LUCKNER, Rita C. S. (Orgs). **Encontro dos Deuses: diálogos sobre violência religiosa e cultura de paz**. Curitiba: Prismas, 2017. 166 p.
ISBN 978-85-5507-543-8

Claudia Danielle Andrade Ritz *

O observatório da Violência Religiosa, Intolerância e Fundamentalismos presenteia a área de Ciências da Religião e Teologia com o livro *Encontro dos Deuses: Diálogos sobre violência religiosa e cultura de paz*. A obra fomenta a reflexão sobre a gravidade e complexidade da violência religiosa que perpassa ações e discursos.

A obra é composta por nove textos, que tratam da relação entre religião e violência. Trata-se de um trabalho produzido em co-autoria, sendo todos os autores e autoras pesquisadores da área de Ciências da Religião. A biografia mínima de cada autor será apresentada em nota de rodapé.

O primeiro texto, *A violência religiosa como consequência da absolutização dos símbolos sagrados: reflexões a partir de Paul Tillich*, da autoria de Thiago Rafael Englert Kelm¹, traz alguns elementos do pensamento de Paul Tillich que tratam da idolatria como elevação de um aspecto da realidade finita humana que se

Resenha recebida em 11 de agosto de 2017 e aprovada em 16 de outubro de 2017.

* Mestranda em Ciências da Religião no PPGCR da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: adv.claudia@yahoo.com.br

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e do grupo de pesquisa Paul Tillich e teologia plural.

pergunta pelo infinito. A partir de sua leitura de Tillich, comenta o autor do capítulo que essa consciência de finitude seria a origem da angústia humana. Seguindo Tillich, afirma que a experiência do sagrado é uma experiência religiosa universal que se expressa por meio dos símbolos religiosos. Estes símbolos possuem um nível transcendental, que é o próprio Deus, e outro nível imanente, que se refere ao aparecimento do divino no tempo e espaço. Assim, a linguagem da fé é linguagem simbólica. O autor esclarece também que, para Tillich, a superação da religião pela presença espiritual se opera pelo *princípio protestante* que seria “a manifestação de um protesto profético que se opõe a qualquer realidade condicionada, que pretende ser incondicionada”. Esse princípio está relacionado com a *substância católica*, “que é a corporificação concreta da presença espiritual” (p.35). Desta forma o autor conclui que, para Tillich, o princípio protestante e a substância católica são elementos importantes para a compreensão da religião e do caminho para o diálogo inter-religioso.

O segundo texto – *Jeová contra Orixás: os processos da violência simbólica e a influência da matriz cultural-religiosa brasileira na intolerância aos “indesejados” da sociedade* –, da autoria de Altirez Sebastião dos Santos², assinala que os episódios de agressões por motivação religiosa no Brasil são decorrentes de intolerância religiosa. O autor cita casos de cristãos evangélicos em confronto com crentes de religiões afro-brasileiras, espíritas, católicos e outros, como um desafio às Ciências da Religião, sobretudo para favorecer um melhor conhecimento do fenômeno religioso. Para tanto, destaca três aspectos: (1) a matriz religiosa-cultural brasileira, na qual a violência entra pela cultura; (2) a violência contra os “indesejados”, os quais seriam aqueles que “destoam dos padrões gerais aceitáveis”; (3) a violência simbólica enquanto projeto de poder de grupos religiosos, a partir da conceituação de Pierre Bourdieu (2004, p. 106). Ao final do texto, o autor considera que a violência religiosa conduz a um olhar para a cultura

² Graduado em Filosofia pela PUC de Campinas, graduado em História pela Faculdade de Educação de São Luís, pós-graduado em Docência em Ensino Superior pela Universidade Católica Dom Bosco, Mestre em Ciências da Religião e doutorando na mesma área pela Universidade Metodista de São Paulo.

brasileira e conclui que as Ciências da Religião podem “contribuir na compreensão de que habitamos a mesma teia de sentido, o mesmo tecido cultural” (p. 67).

O terceiro texto, *Os sussurros da violência camuflada na religião*, da autoria de Maria Elizafá Sousa Leite³, convida à reflexão sobre a violência que se origina em igrejas neopentecostais e em outras religiões, mesmo que de forma velada; ou, como dito pela autora, uma “violência maquiada”. Afirma que a intolerância religiosa é uma forma de não considerar aquele ser humano que se mostra diferente, uma vez que, em princípio, a religião seria local privilegiado de convivência com a alteridade (p. 79). Por esse viés, a autora conclui que não deveria haver no universo religioso espaço para exclusão, preconceito e intransigência.

O quarto texto – *Do clamor do opressor ao silêncio dos inocentes: tipologia e violência religiosa no discurso de Edir Macedo* –, assinado por Júlio César Pasqualinoto Rodrigues⁴, lembra que estamos em um momento de abertura em relação às religiões afro-brasileiras, com inúmeras publicações sobre o assunto e o reconhecimento da Faculdade de Teologia Umbandista pelo MEC em 18/12/2014. No entanto, o autor pontua que ainda há interpretações que associam a religião umbandista a práticas satanistas (p. 85), especialmente nos discursos de alguns líderes religiosos evangélicos. O autor propõe uma análise de partes do livro de autoria de Edir Macedo *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* e assegura haver informações equivocadas na obra; cita como exemplo o fato da Umbanda não realizar sacrifícios rituais, diferentemente da Quimbanda e do Candomblé. Sugere o autor que devemos pensar as tradições afro-brasileiras sob novas perspectivas, ampliar o vocabulário e, por conseguinte, o entendimento da tradição e das práticas das religiões afro-brasileiras (p.98). Certamente, a compreensão mais profunda de uma tradição religiosa surge do conhecimento que ajuda a superar as concepções do senso comum e os preconceitos. Esse conhecimento pode ser favorecido pelo diálogo, assim como pelo esforço em evitar as generalizações que

³ Mestra em Ciências da religião pela PUC SP e membra do GEPP (Grupo de estudos do protestantismo e pentecostalismo) PUC SP.

⁴ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa Teologia no Plural.

compreendem as confissões religiosas como configurações homogêneas, ainda que sejam identificadas sob uma denominação comum: católica, ortodoxa, protestante, pentecostal, neopentecostal, afro-brasileira, espírita ou qualquer outra.

O quinto texto – *Do terreiro ao altar: uma visão da intolerância religiosa por intermédio da obra O pagador de promessas, de Dias Gomes* –, da autoria de Rita de Cássia Scocca Luckner⁵, nos apresenta a obra de Dias Gomes sob uma perspectiva que propõe um diálogo de alteridade, inter-religioso e dirigido aos direitos humanos. Assim, a autora considera que a literatura e a religião buscam respostas para questões existenciais, pelo aspecto antropológico. Para tanto, pontua eventos históricos do cenário religioso passando pela Reforma Protestante, Iluminismo e liberalismo. Considera que a teologia e a literatura se aproximam pela estrutura narrativa, e também por sua capacidade de fomentar reflexões. Para isso, a autora analisa trechos da obra *O pagador de promessas* e finaliza sugerindo uma reflexão sobre a intolerância religiosa, sobre as consequências da disputa por poder e a tragédia decorrente do desmerecimento dos valores do outro.

O texto *Violência e religião: um olhar para a violência de gênero*, da autoria de Cláudia Maria Poleti Oshiro⁶, nos conduz a uma reflexão que considera a violência contra as mulheres pelo critério exclusivo do sexo biológico, fundamentado em valores patriarcais (p. 123). Conforme a autora, a religião exerce função de produção e reprodução de sistemas simbólicos. Dada a estrutura social construída, pontua que as mulheres estiveram ausentes ou desfiguradas na história nacional. Para a autora, a violência de gênero é consequência de uma construção cultural e de uma relação de desigualdade hierárquica entre homens e mulheres. Certamente, elementos da cultura como as relações de poder, as crenças e a política social podem, como qualquer outra construção humana, favorecer a violência.

⁵ Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa Relegere e Teologia no Plural.

⁶ Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa Mandrágora – NETMAL.

O sétimo texto – *Bartolomeu De Las Casas e Roger Williams: Cristianismo colonial e defesa das vítimas do sistema* –, da autoria de Adriel Barbosa⁷, compara os discursos teológicos do religioso católico espanhol Bartolomeu De Las Casas e do puritano inglês Roger Williams. No percurso, o autor analisa alguns pontos da teologia e do “deslocamento teológico-prático”, protagonizados por aqueles homens. O autor considera que sua teologia foi sensível à realidade local – Ameríndia. Ao final, avalia que ambas as teologias se mostraram sensíveis às condições dos excluídos e em muitos pontos coincidiam. De fato, embora se formulem na sua especificidade católica e protestante, é a mesma base cristã o fundamento de ambas as teologias, cuja eficácia se mostra também pelos seus frutos sociais.

O texto *Critérios éticos para o diálogo inter-religioso*, da autoria de André Magalhães Coelho⁸, nos provoca a refletir sobre a existência de figuras sagradas em outras tradições. O autor assegura que cada religião utiliza seus critérios para a procura da verdade, o que garante a identidade de cada religião, considerando que o diálogo não significa autonegação (p. 159). Citando Hans Küng, o autor pondera que quanto mais humana for uma religião, mais verdadeira será. Em relação a isso, julgamos ser difícil conceituar *verdade*, especialmente quando esta se mostra atrelada a uma prática religiosa. O autor tece ainda comentários sobre o exclusivismo religioso, fala da importância de ouvir o outro e destaca o diálogo como caminho que promove aproximação pois ajuda a desfazer preconceitos, fomenta o respeito e gera tolerância religiosa.

O nono e último texto – *Violência religiosa, sabedoria prática e ecoxamanismo: Ser para si e ser para o outro. Emergências e discursos nos limites das fronteiras das culturas* –, da autoria de William Bezerra Figueiredo⁹, apresenta-nos uma etnopoética a partir de dois textos dos poetas Gary Snyder e

⁷ Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa Teologia no Plural. Bolsista CAPES.

⁸ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa Teologia no Plural.

⁹ Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa Teologia no Plural. Bolsista CAPES.

Paul Valéry. O autor propõe também uma aproximação da sociedade com os povos indígenas, quilombolas, ciganos, povos de terreiro e cita o xamanismo como uma prática relevante também no contexto atual. Afirma o éthos xamânico como modelo da ética ricoeuriana, entendida como alteridade expandida. Finaliza aclarando que o ecoxamanismo foca num modo de ser amparado pelo respeito ao outro e à natureza.

A obra em apreço é uma iniciativa valiosa que agrupa textos de autores e autoras que se debruçam sobre a temática cerne *violência religiosa*. O observatório da Violência Religiosa, Intolerância e Fundamentalismos, citado no prefácio da obra pelo professor Dr. Cláudio de Oliveira Ribeiro, se apresenta como uma via que provoca a reflexão sobre as práticas e discursos religiosos que não favorecem a convivência pacífica, sob o aspecto de igualdade religiosa.

Seguramente o Brasil tem variadas tradições religiosas, embora ainda se observe a predominância da pertença cristã, em sua variada forma de se organizar e se expressar. A tolerância religiosa deve permear as relações, os discursos e os diálogos; afinal, estamos em um Estado constitucionalmente laico, que deve respeitar todas as confissões sem distinção de qualquer ordem. Assim, julgamos indevida e criminosa toda forma de exclusão ou perseguição motivada por credo ou religião. Acreditamos que a aproximação entre fiéis e entre confissões religiosas, em sua pluralidade, bem como uma melhor compreensão do fenômeno religioso, não deve ser pelo cruel ataque, mas pelo pacífico e respeitoso diálogo.